



SEÇÃO: ARTIGO

Maternagem de filhos com dificuldades graves de desenvolvimento

Maternal upbringing of children with serious developmental difficulties

Maternaje de hijos con dificultades graves de desarrollo

Marina Miranda Fabris-Zavaglia¹

orcid.org/0000-0002-3954-6022
marina_mfabris@hotmail.com

Carlos Del Negro

Visintin¹

orcid.org/0000-0002-1995-1047
carlos.visintin@gmail.com

Tânia Maria José Aiello-Vaisberg²

orcid.org/0000-0003-3894-1300
aiello.vaisberg@gmail.com

Recebido em: 16 fev. 2020.

Aprovado em: 6 dez. 2020.

Publicado em: 23 maio 2022.

Resumo: Considerando que o cuidado infantil é socialmente visto como responsabilidade materna, justifica-se a realização de pesquisas que abordem as maneiras pelas quais se concretiza tal tarefa. A presente investigação objetiva compreender a experiência de mães de filhos que apresentam dificuldades no processo de conquista de independência. Delineia-se por meio da abordagem de mães de crianças autistas, tendo em vista que tal condição representa, de modo emblemático, situações de vida nas quais o cuidado infantil se intensifica e se faz duradouro. O material de pesquisa foi produzido a partir de quatro entrevistas psicológicas individuais, organizadas ao redor do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema. A consideração psicanalítica do material permitiu a produção interpretativa de três campos de sentido afetivo-emocional: "É culpa da mãe", "Dedicando-se exclusivamente" e "Cuidado espontâneo". O quadro geral revela que a experiência materna pode tanto se realizar de modo angustiante, quanto fluir como gesto espontâneo de atendimento do filho.

Palavras-chave: maternidade, práticas de criação infantil, autismo, psicanálise-metodologia

Abstract: Considering that child care is socially seen as a maternal responsibility, research that addresses the ways in which this task is accomplished is justified. This research has the objective of understanding the experience of mothers of children who present difficulties in the process of gaining independence. It is outlined by addressing the mothers of autistic children, taking into account that such a condition represents, in an emblematic way, life situations in which child care is intensified and made lasting. The research material was produced from four individual psychological interviews organized around the Thematic Drawing-And-Story Procedure. The psychoanalytical consideration of the material allowed the interpretative production of three fields of affective-emotional meaning: "It's the mother's fault", "Dedicating oneself exclusively", and "Spontaneous Care". The general picture reveals that the maternal experience can either be anguishing or it can happen as a spontaneous gesture of care for the child.

Keywords: motherhood, childrearing practices, autism, psychoanalysis-methodology

Resumen: Considerando que el cuidado infantil es visto socialmente como responsabilidad materna, se justifica la realización de investigaciones que aborden las formas en que se concretiza dicha tarea. Esta investigación tiene como objetivo comprender la experiencia de madres cuyos hijos presentan dificultades en el proceso de conquista de la independencia. Se delinea por medio del abordaje de madres de niños autistas, considerando que tal condición representa, de forma emblemática, situaciones de vida en las que el cuidado infantil se intensifica y se hace duradero. El material de investigación se produjo a partir de cuatro entrevistas psicológicas individuales, organizadas alrededor del Procedimiento de Dibujos-Historias con Tema. La consideración psicoanalítica del material permitió la producción interpretativa de tres campos de sentido afectivo-emocional: "Es



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

¹ Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), Campinas, SP, Brasil.

² Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, Brasil.

culpa de la madre", "Dedicándose exclusivamente" y "Cuidado espontáneo". El cuadro general revela que la experiencia materna puede ser angustiante o fluir como un gesto espontáneo de atención al hijo.

Palabras clave: maternidad, autismo, conducta de cuidado del niño, psicoanálisis-metodología

Cuidados com bebês, crianças, idosos e pessoas com deficiência vêm sendo considerados historicamente como tarefa feminina. Argumentos de acordo com os quais a mulher estaria, por conta de sua essência, mais apta para cuidar, postulam que uma natureza feminina garantiria aquilo que importantes autoras, como Federici (2019), denominam reprodução da existência. Mais especificamente, seria por conta de qualidades inatas que a mulher deveria encarregar-se das tarefas relativas aos cuidados, especialmente, com bebês e crianças. A situação na qual o cuidado infantil continua estabelecido como uma atividade feminina parece manter-se em função de condições concretas de existência. Ou seja, mesmo que a mãe trabalhe fora do âmbito doméstico, ela, normalmente, contrataria outra mulher para realizar os cuidados (Madalozzo & Blofield, 2017; Medeiros & Pinheiro, 2018). Temos, aí, um cenário no qual, imaginativamente, cargas e sobrecargas relativas aos filhos continuam a ser vistas como prerrogativa materna.

Trabalhos de cuidados com as novas gerações, os quais consomem tempo, dinheiro e energia, parecem, via de regra, não ser reconhecidos por diversos agentes, o que inclui o Estado e variados grupos sociais, como bem criticou Biroli (2018). Se diversas seriam as formas de invisibilizar os cuidados, parece-nos que uma delas corresponderia à idealização da maternidade (Visintin & Aiello-Vaisberg, 2017a; Schulte et al., 2019). Poderíamos compreender tal invisibilização na medida em que, do ponto de vista imaginativo, a mãe nunca se cansaria. Ou seja, podemos considerar que sofrimentos emocionais maternos podem ser entendidos como socialmente determinados.

Ao que tudo indica, o conceito de sofrimento social surgiu com o trabalho de Dejours (1993). Se, inicialmente, este autor estava interessado em experiências de dor emocional ligadas à

precarização do trabalho e ao desemprego em um contexto de declínio do estado francês de bem-estar social, posteriormente, tal conceito veio a ser ampliado por Kleinman et al. (1997) em trabalho clássico, no qual se argumentava que, sob certas condições de vida, como a violência contra a mulher, a tortura e a guerra, sofrimentos significativos ocorreriam não por questões psicológicas e internalistas, mas, sim, sociais. Como bem pontuaram Pussetti e Brazzabeni (2011), o conceito de sofrimento social serve para entender as estreitas relações, que sempre são histórica e culturalmente determinadas, entre o que se vive subjetivamente e condições concretas de existência. Diante destas considerações, pensamos como absolutamente vantajoso este alargamento conceitual, pois tem favorecido pesquisas diversas, como, por exemplo, a de Werlang e Mendes (2013). Do nosso ponto de vista, entendemos por sofrimentos sociais aqueles que se dão em situações de opressão, discriminação e exclusão, fomentando sentimentos de desamparo, humilhação, injustiça e culpa (Aiello-Vaisberg & Assis, 2017b).

Diante deste cenário, é possível questionar-se sobre a experiência vivida de mães quando os cuidados com os filhos se tornam mais exigentes e demandam mais atenção e tempo do(s) cuidador(res), tendo em mente que, na nossa sociedade, a principal cuidadora das crianças ainda é a mãe biológica (Aching & Granato, 2016, 2018). Dentre as diversas possibilidades nas quais o cuidado pode tornar-se muito complexo, aquela em que uma criança tem dificuldades de alcançar autonomia (Visintin, 2016), como, por exemplo, no caso do autismo, mostra-se relevante em termos de produção de conhecimento sobre a dimensão afetiva-emocional.

A fantasia de que a mãe biológica é a melhor cuidadora ser fortemente predominante, no espaço social, gera efeitos importantes nos processos de produção de conhecimento científico. Exemplo convincente é fornecido por Winnicott (1962/2018), que se pronunciou, inúmeras vezes, de modo que se presta a entendimentos judicativos ao, por exemplo, descrever a psicose como

uma doença ligada a experiências precoces de vida, durante o estágio de dependência absoluta, durante o qual só existiriam o bebê e sua mãe. Essa ideia está, evidentemente, ligada a práticas sociais comuns na família nuclear padrão, caracterizada pela presença de dois adultos, um dedicado ao sustento material e outro dedicado ao cuidado ou dividido entre cuidado e aportes financeiros. Outro é o panorama que se revela quando entendemos os cuidados requeridos pelos bebês como uma condição biológica que motiva soluções culturais que, de fato, são muito variadas nas diferentes sociedades (Gottlieb & DeLoache, 2016). Nessa linha, compreendemos o cuidado infantil como um ato humano potente que, surgindo da sensibilidade que a fragilidade e a dependência do bebê suscitam, não se conforma como prerrogativa exclusivamente feminina ou da mãe biológica. Na verdade, a própria visão winnicottiana do ser humano permite que autores como Plastino (2012) entendam a capacidade de cuidar como um aspecto distintivo do humano, não vinculado a gênero.

Com tais considerações em mente, objetivamos compreender psicanaliticamente a experiência vivida por mãe de filhos que apresentam condições especiais que, afetando a conquista de independência e autonomia, exigem cuidados constantes e duradouros. Justificamos o presente estudo como produção de conhecimento clinicamente relevante no acompanhamento de mães que lidam com situações que inspiram prolongados cuidados que, além disso, pode contribuir para uma maior compreensão da condição concreta da vida feminina na sociedade contemporânea.

Método

São diversas as abordagens teórico-metodológicas passíveis de serem produtivamente utilizadas na pesquisa psicológica, tais como a fenomenológica, a sócio-histórica, a etnográfica e a psicanalítica, entre outras (Parker, 2005). A pesquisa qualitativa com método psicanalítico, inicialmente proposta por Fabio Herrmann (1979), é um desses referenciais, o qual, quando devi-

damente articulado à psicologia psicanalítica concreta (Bleger, 1963/2007), constitui-se como um caminho coerente e consistente de produção de conhecimento compreensivo. Esta é a via por meio da qual realizamos a presente pesquisa.

Para que o percurso metodológico aqui adotado, bem como seus fundamentos, possa ser claramente compreendido, devemos definir os seguintes termos: o que é método psicanalítico; quais são os conceitos básicos da psicologia psicanalítica concreta e quais são os procedimentos investigativos por meio dos quais operacionalizamos o método psicanalítico, articulando-o aos conceitos da psicologia psicanalítica concreta.

O método psicanalítico se constitui a partir da atenção flutuante e da associação livre de ideias, vale dizer, por meio do cultivo de uma atitude fenomenológica de abertura ao encontro e do convite ao outro para que se expresse de modo maximamente livre, evitando a autocensura. Inicialmente, essas regras foram pensadas no âmbito de trocas verbais, mas foram posteriormente ampliadas no sentido de abarcar outras manifestações de conduta. O enquadre freudiano padrão é a situação em que o método foi pioneiramente utilizado. Contudo, Freud (1922/1955) veio a entender que três diferentes dimensões eram abrangidas pela psicanálise: a dimensão de método investigativo, a dimensão de método terapêutico e a dimensão das teorias derivadas. Dentro dessa lógica, e fundamentando-se nos vários e instigantes trabalhos freudianos sobre fenômenos culturais e sociais, tais como na *Gradi-va* de Jensen (Freud, 1907/1955) Herrmann (1979) veio a demonstrar que o método investigativo da psicanálise serve para a produção de conhecimento no campo da psicologia – não apenas a partir do que os pacientes clínicos trazem a sessões de atendimento, mas também a partir de pesquisas qualitativas.

O método de investigação da psicanálise serve para produzir interpretações, ou seja, para permitir que sentidos afetivo-emocionais de atos humanos, eventualmente não conscientes, possam vir a ser compreendidos. Esse método é sempre usado no contexto de encontros in-

ter-humanos, sejam encontros entre pessoas, em entrevistas individuais ou coletivas, ou entre pessoas e obras produzidas por outras pessoas, tais como desenhos, canções, *blogs* ou vídeos, por exemplo. Anteriormente, as interpretações eram pensadas como forma de se acessar o que se passava na interioridade psíquica das pessoas, em sua *mente inconsciente*. Entretanto, o avanço do conhecimento veio a indicar que a dimensão relacional, vincular, da vida humana é originária, na medida em que o ser humano não existe de modo isolado, mas coexiste ininterruptamente. Sob essa nova luz, o conceito de inconsciente veio a ser alterado, vindo a ser concebido como campo (Katz et al., 2016).

A psicologia psicanalítica concreta de Bleger (1963/2007) é uma dessas teorias de campo, que envolve uma articulação com o materialismo dialético. Os conceitos fundamentais com os quais trabalha são o de conduta, de experiência vivida e de campo de sentido afetivo-emocional.

Alinhados com a perspectiva blegeriana, definimos *conduta* como termo que abarca todos os atos dos seres humanos concretos, individual ou coletivamente praticados. A conduta é o objeto de estudo de todas as ciências humanas, sendo que cada uma delas busca sentidos que lhe são pertinentes, sejam esses sentidos históricos, sociológicos, culturais, religiosos, econômicos ou outros. Quando estudamos psicologia, voltamo-nos para a pesquisa de sentidos afetivo-emocionais, vale dizer, para a *experiência vivida* subjetiva e intersubjetivamente. Quanto ao *campo de sentido afetivo-emocional*, deve ser definido como ambiente humano produzido pelas interações inter-humanas, que se torna como que um lugar habitado transitória ou mais permanentemente por indivíduos e grupos. Desse modo, estamos trabalhando com uma noção de inconsciente intersubjetivamente produzido, de um inconsciente que é coletivo não porque se dá antes da experiência, como arquétipo ou registro simbólico, mas porque está sendo continuamente criado e recriado, reproduzido e reinventado, pelos seres humanos.

Com tais considerações em mente, descreve-

remos, o modo como operacionalizamos o método psicanalítico. Tal distinção tem como propósito não somente tornar maximamente claro nosso percurso investigativo a outros pesquisadores, mas também elucidar o modo como atendemos a necessidades básicas de uma investigação empírica. No presente caso, valemo-nos dos procedimentos investigativos de: (a) produção do material de pesquisa; (b) registro do material de pesquisa; e (c) interpretação do material de pesquisa.

O procedimento investigativo de produção do material de pesquisa deu-se por meio da realização de quatro entrevistas psicológicas individuais (Bleger, 1963/2004), mediadas pelo Procedimento de Desenhos Estórias com Tema (Aiello-Vaisberg, 1999). Trata-se de um recurso, que usa paradigmaticamente o jogo do rabisco (Winnicott, 1968/1989) e, consiste em um pedido, delimitado a partir do interesse do pesquisador em um tema, ao participante, para que desenhe e, então, escreva uma história sobre o que desenhara. Nesse sentido, seguimos uma tradição de estudos, na qual se incluem, por exemplo, o de Manna et al. (2018) e o de Rosa (2018), que vem sendo reconhecida como profícua na investigação de imaginários coletivos (Rosa et al., 2019).

As participantes da pesquisa são quatro mães de crianças diagnosticadas como autistas, acompanhadas pelo Centro de Atenção Psicossocial Infantil e Juvenil (CAPSi) de um município do interior paulista. Em entrevistas previamente agendadas com as mães pela responsável pelo serviço que, segundo sua avaliação, a partir do contato prévio com elas e do trabalho que desenvolve, teriam disponibilidade para aceitar o convite de participar da presente pesquisa, solicitamos que fizessem um desenho e contassem uma história sobre o seguinte tema: "uma mulher que tem uma criança autista".

Cabe esclarecer que usamos o diagnóstico de autismo como uma situação emblemática, na acepção que o termo assume no texto de Frederico (1969), na medida em que o focalizamos para evocar uma situação que amplifica e faz perdurar a necessidade de cuidados. Deste modo,

o diagnóstico de autismo se conforma como artifício metodológico, valendo ressaltar que não o abordamos aqui como problema de pesquisa,

tampouco como objeto de estudo. Apresentamos, com a Tabela 1, informações sociodemográficas sobre as participantes deste estudo.

Tabela 1 – Informações sociodemográficas sobre as participantes

Mães	Caracterização					
	Nacionalidade	Idade	Nº de filhos	Profissão	Estado civil	Grau do autismo do filho
Lia, mãe de Lucas	Peruana	34	1	Dona de casa ^a	Casada	Moderado
Marta, mãe de Miguel	Brasileira	43	2	Vendedora	Casada	Moderado
Sra. Raquel, mãe de Maria	Brasileira	38	5	Dona de casa ^b	Casada	Severo
Sara, mãe de Rebeca	Brasileira	37	2	Dona de casa ^c	Casada	Moderado

Nota. a. Antes do diagnóstico do filho, trabalhava como professora universitária. b. Antes do diagnóstico da filha, trabalhava como auxiliar de limpeza. c. Antes do diagnóstico da filha, trabalhava como gerente de loja.

O procedimento investigativo de registro das comunicações ocorreu por meio da compilação das produções gráfico-narrativas das participantes, devidamente transcritas e salvas em dispositivos eletrônicos. Além desse material, registramos as entrevistas psicológicas por meio de Narrativas Transferenciais, elaboradas após os encontros, tendo em vista expressar tanto o acontecer clínico como sentimentos contratransferenciais (Aiello-Vaisberg et al., 2009).

O procedimento investigativo de interpretação do material clínico, vale dizer, da produção compreensiva de campos de sentido afetivo-emocional ou inconscientes relativos (Aiello-Vaisberg & Machado, 2008), deu-se por meio da revisitação dos registros pelos integrantes do grupo de pesquisa à luz do método psicanalítico, a saber, em estado de atenção flutuante e associação livre de ideias. Neste momento da produção de conhecimento, que sempre é coletiva, buscamos chegar interpretativamente aos fundamentos afetivos e emocionais que subjazem ao material clínico, isto é, aos campos de sentido afetivo-emocional que se configuram como resultado da investigação empírica.

Finalizamos a pesquisa com as interlocuções

reflexivas. Neste momento, usualmente chamado de discussões em outros trabalhos empíricos, suspendemos o uso do método psicanalítico para realizar um trabalho de cunho teórico-conceitual. Assim, em diálogo com outros autores, refletimos sobre o material tendo em vista aprofundar a nossa compreensão sobre nossos resultados interpretativos, isto é, os campos de sentido afetivo-emocional.

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (CAAE n.º 95440818.1.0000.5481), sob o Processo n.º 2.930.199. Informamos às mães que sua participação no estudo era voluntária. Caso desejassem, poderiam desistir da pesquisa a qualquer momento. Também deixamos claro que seu anonimato seria mantido em todas as fases do trabalho, o que inclui a etapa de comunicação acerca dos achados desse estudo para outros pesquisadores por diversos meios, como, por exemplo, revistas científicas. Para proteger sua privacidade, identificamos as participantes e seus filhos com nomes bíblicos.

Resultados

A consideração psicanalítica do material clínico

permitiu a produção de três campos de sentido afetivo-emocional, isto é, de inconscientes intersubjetivos. Outros resultados interpretativos poderiam ser enunciados, como seria de se esperar em uma pesquisa qualitativa (Flick, 2018), mas, reconhecemos que, ao emergirem na presente investigação, os campos aqui criados/encontrados revelaram-se bastante significativos para a compreensão da temática que nos propomos abordar. Os três campos criados/encontrados são: "É culpa da mãe", "Dedicando-se exclusivamente" e "Cuidado espontâneo", os quais definiremos a seguir.

O campo de sentido afetivo emocional "É culpa da mãe" articula-se ao redor da fantasia de que a sanidade física e mental do(a) filho(a) depende única e exclusivamente da mãe. Tal campo configura-se de modo acusatório, na medida em que aponta a mãe como responsável por prejuízos da criança. No presente caso, a mãe vive como se tivesse causado um problema ao filho.

Marta, mãe de Miguel, uma das participantes da pesquisa, relatou uma série de dificuldades enfrentadas quando descobriu que estava grávida e se sente muito culpada porque acredita ter rejeitado o filho:

às vezes, eu fico pensando se o problema dele não tem relação com a depressão que eu tive durante a gestação, depois da gestação... (choro). Foi tudo muito difícil... eu não esperava e nem queria engravidar novamente! Quando contei para o meu ex-marido, ele disse 'se viral'.

Também refere que não podia contar com o apoio da própria mãe, que seria uma mulher extremamente fria e distante: "Ela só fez me julgar, a vida toda... (choro). E também acha que o problema do Miguel é culpa minha, segundo ela é excesso de mimo".

Podemos perceber que Marta relata inicialmente que seu humor depressivo teria desencadeado o quadro de autismo do filho. Mais especificamente, culpa-se na medida em que possíveis dificuldades do filho evidenciariam seus afetos durante a gestação e o puerpério. Mesmo que não seja por conta da depressão, mas, sim, pelo excesso de zelo, a associação entre atos mater-

nos e o autismo do filho é confirmada pela mãe de Marta, o que favorece que se sinta culpada ora por seus próprios afetos, ora por seus cuidados com o filho. Marta, diante da postura de sua mãe e de seu ex-marido, parece assumir para si a culpa por ter adoecido e, também, pelo quadro do autismo do filho, sem sequer problematizar quais teriam sido suas condições concretas de vida à época de sua gestação.

O campo "Dedicando-se exclusivamente" articula-se ao redor da fantasia de que a mulher, quando se torna mãe, deve dedicar-se exclusivamente ao filho. Do ponto de vista inconsciente, este campo fundamenta ordens que obturariam interesses e atividades da mãe, de modo que buscasse completamente o bem-estar do filho. Considerando que tais imperativos podem ser vividos como advindos do mundo externo ou como ato pessoal, o tolhimento de atividades que não incluem os filhos, certamente, contribuem para o sofrimento de mães, podendo, inclusive, sobrepor-se ao campo "É culpa da mãe".

A Sra. Raquel, mãe de Maria, declara, durante a entrevista, que os únicos momentos em que espairose um pouco, são aqueles em que Maria passa pelos atendimentos e, também, entre 21h e 22h30, no horário da novela, quando o marido fica com a criança um pouco para ela poder relaxar. Também afirma que gostava muito de trabalhar no hospital, mas que hoje seria impossível conciliar o emprego com os cuidados que a filha requer.

A respeito do trecho da entrevista, é possível compreender que, em função da fantasia de exclusividade materna, a Sra. Raquel precisou abandonar uma parte significativa de sua vida, no caso, o trabalho, para cuidar da filha. Tal tarefa demanda tempo e trabalho o suficiente a ponto de Sra. Raquel só conseguir descansar e se distrair em alguns momentos. Não deixamos de notar, contudo, que são nestes momentos que Sra. Raquel conta com o apoio de outras pessoas.

O campo "Cuidado espontâneo", por sua vez, articula-se ao redor da fantasia de que cuidar de um filho produz sentimentos de realização e gratificações. Este campo aponta para uma outra faceta do fenômeno ora estudado, igualmente

significativa do ponto de vista clínico, na medida em que muda radicalmente a percepção da maternidade e dos cuidados infantis. Ou seja, aponta para a possibilidade de que cuidar das novas gerações gera sentimentos de profundo respeito à alteridade de bebês e de crianças.

Sara contou que antes de ter as filhas, trabalhava como gerente em uma grande loja da cidade, gostava muito do que fazia. Esclareceu que deixou de trabalhar logo que a primeira filha nasceu e não como decorrência do autismo de Rebeca. "Eu queria ter filhos para cuidar deles e foi o que fiz, assim que a primeira nasceu. Não me arrependo!".

A fala sensível de Sara com relação às filhas impactou-nos de modo profundo, principalmente, pela leveza, segurança e alegria com que foi dita. Estamos cientes de que a transcrição das palavras fica bastante aquém do que foi efetivamente transmitido pela participante como algo vivido de modo autêntico e não como defesa visando negar que a vida com um filho que não se tornará um adulto autônomo apresenta inúmeros desafios e motiva muitas preocupações. Entretanto, é importante ressaltar que, no contexto desse campo de sentido afetivo-emocional, que denominamos "Cuidado espontâneo", a maternagem parece estar sendo vivida de modo livre de culpa ou pressões, sendo verdadeiramente valorizada e reconhecida com uma ação humana que produz sentido, que é capaz de despertar sentimentos genuínos de gratificação, respeito e carinho em quem cuida e de bem-estar àquele que é cuidado.

Dito de outro modo, no que se refere a esta manifestação de conduta, emergente do campo "Cuidado espontâneo", podemos considerar que a atividade de cuidado desperta, em Sara, sentimentos autênticos de bem-estar, diante dos quais nos sensibilizamos contratransferencialmente, de um modo muito expressivo, no qual o cuidado do outro confere sentido ao viver dessa mãe. Aqui parece importante salientar que a comunicação emocional não se faz em uma linha de negação da alteridade das filhas, mas segundo o que vivenciamos, no momento, como capacidade

de usufruir de modo amadurecido da própria capacidade de cuidar.

Discussão

Ao iniciarmos a reflexão sobre o primeiro campo de sentido afetivo-emocional "É culpa da mãe", entendemos que se conforma de modo acusatório, segundo um padrão paranoide. Desse modo, encontra-se aqui em jogo tanto a detecção de um mal, como a busca de seu autor. Ou seja, diante da constatação do desastre, não se reage buscando solução ou entendimento, mas se parte, imediatamente, para a busca de um culpado, de modo que a pergunta que se faz é "Quem provocou esse dano?" Este tipo de situação, cuja fundamentação seria inconsciente, parece fazer coro com várias teorias psicanalíticas, principalmente, àquelas ligadas à escola kleiniana, as quais indicam como a condição do bebê poderia ser vivida como evidência da bondade da ou maldade que a própria mãe portaria em seu mundo interno (Hinshelwood, 1989), o que converge com pesquisas contemporâneas, como, por exemplo, as de Guggenheim et al. (2019) e Salomonsson e Barimani (2017).

Lia, mãe de Lucas, conta que quando engravidou do menino, estava cursando o mestrado e lecionando em uma faculdade no Peru. Tinha uma vida agitada, com muitos compromissos e estava bastante adaptada àquela rotina. Não esperava ficar grávida, apesar de já ter pensado, em outras ocasiões, em ter filhos. Refere ter ficado triste com a descoberta da gravidez e sente-se culpada por isso. Também se sente culpada quando imagina que o autismo possa ter sido provocado por sua exposição diária a substâncias químicas em laboratório. Comenta que, durante sua gestação, bebia muita Coca-Cola e, apesar de não deixar explícito, provoca a impressão de que também carrega consigo a hipótese de que a ingestão excessiva do refrigerante possa ter relação com o diagnóstico do filho. Lia também refere que seu marido, algumas vezes, pensa que o problema de Lucas resulta do excesso de mimos que a mãe dispensa à criança.

Notamos, a partir desse trecho da entrevista,

que Lia parece acreditar, ainda que inconscientemente, que seus sentimentos e pensamentos hostis com relação à gestação possam ter causado danos ao filho. A fantasia de acordo com a qual a mãe seria responsável por condições psicopatológicas dos filhos não se mostra como uma exclusividade de muitas delas ou de outros grupos sociais. Muitas pessoas se encontram convencidas de que as mães seriam seres extremamente poderosos a ponto de causar danos aos filhos por meio do pensamento e da imaginação (Tachibana, 2011).

O campo "É culpa da mãe" pode ser discutido à luz das contribuições de Bleger (1963/2007) relativas às estruturas de conduta. Nesse sentido, a atribuição de culpa à mãe pelos problemas do filho corresponde à configuração emocional de característica paranoide, segundo a qual as mulheres-mães seriam, fantasiosamente, divididas em dois grupos. No primeiro grupo, encontraríamos as "boas mães", isto é, aquelas que gerariam e criariam filhos saudáveis. No segundo grupo, teríamos as "mães más", cujos filhos apresentariam dificuldades emocionais significativas. Como exemplo desta estrutura de conduta, lembramos da tese de Tachibana (2011) que, ao investigar o imaginário coletivo da equipe de enfermagem obstétrica hospitalar sobre a gestação interrompida, descobriu certa tendência das participantes em considerarem a perda espontânea do bebê como um sinal de rejeição materna, de modo que a mãe nesse caso não seria merecedora de solidariedade e empatia.

Passamos, agora, à discussão do segundo campo de sentido afetivo-emocional "Dedicando-se exclusivamente". No que diz respeito a este campo, devemos abalizar que, ao circular socialmente a fantasia de que a melhor cuidadora da criança seria a mãe biológica, não seria surpreendente a conclusão imaginativa de que deveria dedicar-se aos filhos em período integral.

Lembramos aqui que, ao afirmar que o bebê não pode existir independentemente do cuidado, Winnicott (1958/2014, 1965/2012) enuncia uma constatação irrefutável. Entretanto, ao eleger o arranjo socialmente vigente em seu país, entre

as classes médias, ou seja, o cuidado pela mãe biológica como a melhor forma de resolver a questão da dependência do bebê humano, naturalizando-o, acaba por desenvolver uma teorização francamente conservadora e discutível. Ainda imerso nessa ideia, descreve o conceito de preocupação materna primária, igualmente controverso, a nosso ver, como um processo mediante o qual a mulher se prepararia para o acolhimento do recém-nascido (Winnicott, 1956/2014). A preocupação materna primária compreenderia um estado psicológico que favoreceria as bases de um desenvolvimento emocional saudável a partir da criatividade e da vitalidade do próprio bebê, desde que não fosse invadido pelo ambiente, vale dizer, por falhas maternas.

Consideramos haver aqui um ponto da teoria winnicottiana que merece maiores reflexões. Com auxílio de Greenberg e Mitchell (1983), não nos parece forçosa a consideração segundo a qual o conceito de preocupação materna primária teria suas raízes em uma suposta natureza feminina a partir de efeitos da evolução humana. Tal pensamento dificilmente se sustenta hoje em dia na medida em que se levam em conta os diferentes arranjos culturais relativos às práticas de cuidado com as crianças (Gottlieb & DeLoache, 2016), bem como, as novas configurações familiares nas quais as crianças são atendidas por outras figuras parentais que não a da mãe biológica (Ribeiro, 2018), tampouco pondera sobre a própria consideração da maternidade como criação cultural (Federici, 2019). Em sua história, Sara escreve: "Uma mulher vaidosa, que tinha um bom emprego e que largou tudo para cuidar das filhas". Aqui observamos de que o fato de se tornar mãe impõe a Sara que negue outras formas de se realizar pessoal e profissionalmente, como se o fato de ter nascido mulher bastasse para conduzi-la à decisão de abrir mão de seus anseios e necessidades enquanto pessoa humana, em nome da maternidade.

Considerar o cuidado de bebês e crianças como biologicamente determinado, e não como arranjo cultural, corresponde a um pensamento que se deixou contaminar pelos mitos do

ser humano natural, isolado e abstrato (Bleger, 1963/2007). No que se refere à maternidade, Visintin (2016, p. 95) discorre que podemos entender o conceito de preocupação materna primária como tributário destes mitos "pois demonstra uma concepção de maternidade desvinculada do drama vivido pelas pessoas, que são seres sociais e vinculares, já que forças infra-humanas e hormonais causariam um retraimento na genetriz".

Lia, mãe de Lucas, refere que sua vida ficou muito diferente porque sempre estará ao lado do filho, para o que ele precisar. Conta que, assim como o marido, é graduada e pós-graduada em química, e que vieram ao Brasil para que ele pudesse dar continuidade aos estudos, enquanto ela teve que abrir mão de sua carreira acadêmica, talvez por se sentir a grande responsável pelo filho e pelo autismo, para se dedicar exclusivamente a ele.

Consideramos importante salientar que, do nosso ponto de vista, o campo de sentido afetivo-emocional "Dedicando-se exclusivamente", cujo foco encontra-se no cuidado e nas necessidades do bebê e da criança, apoia-se em concepções conservadoras a respeito das relações de gênero, especialmente no que se refere ao compartilhamento de responsabilidades entre homens e mulheres pelo cuidado dos filhos (Federici, 2019). Não devemos nos esquecer de que problemas de gênero, diga-se de passagem, não afetam apenas as mulheres, mas sim a sociedade de um modo geral, pois se as mulheres se sentem sobrecarregadas com duplas ou triplas jornadas de trabalho, os homens são privados de usufruir da oportunidade de vivenciar plenamente as gratificações inerentes ao cuidado do outro.

Cabe, agora, debruçarmo-nos sobre o campo de sentido afetivo emocional "Cuidado espontâneo", como aquele que se organiza ao redor da fantasia de que cuidar do(a) filho(a) produz sentimentos de realização gratificante. Sabemos que, na psicanálise freudiana, o outro figura, inicialmente, como objeto por meio do qual se pode chegar ao apaziguamento das pulsões (Freud, 1915/2010). Nessa linha, o outro, em si mesmo, vale, primariamente, pelo prazer que possa vir a

proporcionar. Sair dessa posição em que o outro serve à obtenção do prazer, para que o outro se torne importante em si mesmo, a ponto de vir a ser cuidado, é algo que ocorreria, segundo o pensamento freudiano, no contexto da vida feminina, quando, tendo um bebê que a consolaria como substituto do falo, a mulher o considerasse, fantasiosamente, como um pedaço de si mesma. Portanto, o amor materno se forjaria sobre um engano identificatório, isto é, aquele de tomar um outro como si mesmo. Nossa experiência não permite que neguemos que algumas mães não são capazes de perceber seus filhos como alteridade, porque enfrentam, elas mesmas, agônias impensáveis, contra as quais usam defesas psicóticas. No entanto, não é o que acontece quando são saudáveis e se revelam capazes de entrar em contato verdadeiro com o outro. Lia, mãe de Lucas, diz: "eu amo muito o meu filho do jeito que ele é, eu amaria de qualquer jeito!" (sic).

De acordo com a visão winnicottiana, "(...) o bebê se humaniza quando é visto, pela mãe, como alteridade singular irreduzível" (Aiello-Vaisberg, 2006, p. 14). Essa ideia abre a possibilidade de pensarmos que não é o fato de se confundir com o bebê que favorece o cuidado, mas, sim, a capacidade da mãe, ou da pessoa humana, conquistada ao longo de seu próprio amadurecimento emocional, de reconhecer uma alteridade nesse bebê, o que garante um cuidado respeitoso, que se traduz como amor. Em outros termos, na perspectiva winnicottiana, os bebês humanos não estariam condenados, a serem vividos como falos por suas mães castradas, caso a vida pudesse transcorrer em ambientes suficientemente bons, que seriam criativamente produzidos por personalidades individuais e coletivas. Na verdade, o modo como pensamos o acolhimento dos bebês poderia ser um norteador confiável de buscas ativas por mundos melhores.

Quando pensamos no desenvolvimento de capacidades no contexto da noção winnicottiana de natureza humana, como faz Plastino (2012, 2018), várias questões, relativas à maternidade e ao cuidado de bebês e de crianças, passam a ser vistas de modo diverso, na medida em que

o ser humano deixaria de ser imaginado como um resultado exclusivo da evolução natural, para viver uma trama na qual são tecidas, de modo inseparável, natureza e cultura.

Não temos dúvida, quando acompanhamos teorizações de autores como Lévinas (1991/2004), que defendem a importância do que podemos denominar humanismo radical, que os atos de cuidado verdadeiro, entre os quais se insere o cuidado das crianças, fundam-se no sentimento ético, que nada tem a ver com cumprimento de leis em função do temor paranoide do castigo. Tal sentimento não se mostra gendrado, mas se dá como uma tendência humana que pode acontecer, ou não, em função do ambiente. A partir dessa perspectiva, torna-se possível conceber que o campo de sentido afetivo emocional "Cuidado espontâneo" possa ocorrer toda vez que as condições de amadurecimento pessoal tenham permitido a emergência do sentimento ético, o que pode existir inclusive em sociedades estruturalmente violentas, como a que vivemos, pois, mesmo nelas, existem espaços nos quais o respeito e a solidariedade podem vigorar.

Assim, pudemos testemunhar como situações altamente problemáticas, como aquela que se configura quando uma mulher está profundamente envolvida nos cuidados de um filho diagnosticado como autista, podem constituir-se como oportunidade de experiências emocionais realizadoras, nas quais são contempladas tendências espontâneas de assunção de cuidados amorosos. Deste modo, cremos poder considerar que o campo "Cuidado espontâneo" nos aproxima de um mundo vivencial mais saudável e amadurecido se pensarmos que podemos, todos os seres humanos, dedicarmos-nos ao cuidado do outro, seja um bebê, uma criança, um adolescente, um idoso, uma pessoa com deficiência ou qualquer outra pessoa em condição de vulnerabilidade. Não se trata, portanto, de um fenômeno derivado de projeções narcísicas, mediante as quais nos confundimos com aquele que é cuidado, mas da expressão da capacidade de cuidar como atitude autêntica que revela uma preocupação genuína com a humanidade do outro, que é, sem dúvida,

o caminho da humanização de todos.

Ao mesmo tempo em que pudemos perceber que a experiência vivida de cuidar de alguém duradouramente dependente pode se dar de modo profundamente humanizador, cabe lembrar que uma pessoa, no caso a mãe biológica, vive em um contexto em que a maternidade corresponde a um conjunto de atividades a serem solitariamente realizadas no espaço doméstico da família nuclear. Entretanto, provavelmente seria enriquecedor se o cuidado de crianças pudesse se realizar em contextos comunitários, tais como aquele descrito por Gottlieb e DeLoache (2016), nos quais as práticas de cuidado pudessem ocorrer em situações de convivência solidária entre pessoas que se autodefinissem como humanas porque capazes de cuidar.

Referências

- Aching, M. C., & Granato, T. M. M. (2016). The good enough mother under social vulnerability conditions. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 33(1), 15-24. <https://doi.org/10.1590/1982-02752016000100003>
- Aching, M. C., & Granato, T. M. M. (2018). Role of a support network for refugee mothers. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 35(2), 137-147. <https://doi.org/10.1590/1982-02752018000200003>
- Aiello-Vaisberg, T. M. J. (1999). *Encontro com a loucura: transicionalidade e ensino de psicopatologia* [Tese de livre-docência, Instituto de Psicologia, Universidade São Paulo] www.teses.usp.br
- Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2006). Prefácio. In Aiello-Vaisberg, T., & Granato, T. (2006). *Ser e Fazer na clínica winnicottiana da maternidade*. Ideias e Letras.
- Aiello-Vaisberg, T. M. J., & Machado, M. C. L. (2008). Pesquisa psicanalítica de imaginários coletivos à luz da Teoria dos Campos. In Josette Monzani, & Luiz, R. Monzani (Orgs.), *Olhar: Fábio Herrmann – uma viagem psicanalítica* (pp. 311-324). Editora Pedro e João Editores/CECH- UFSCar.
- Aiello-Vaisberg, T. M. J., Machado, M. C. L., & Ambrósio, F. F. (2009). O aluno desmotivado como desafio ao educador físico. In M. Vaisberg, & M. T. Mello (Coord.), *Exercícios na saúde e doença* (pp. 10-20). Manole.
- Aiello-Vaisberg, T. M. J., & Assis, N. D. P. (2017). O uso da literatura científica na pesquisa qualitativa com método psicanalítico. In L. S. L. P. C. Tardivo (Org.), *O procedimento de desenhos-estórias na clínica e na pesquisa: 45 anos de percurso* (pp. 539-553). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Ambrosio, F. F. (2013). *O estilo clínico ser e fazer na investigação de benefícios clínicos de psicoterapias* [Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de Campinas]. <http://tede.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br:8080/jspui/bitstream/tede/452/1/Fabiana%20Follador%20e%20Ambrosio.pdf>

Biroli, F. (2018). *Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil*. Boitempo Editorial.

Bleger, J. (2004). Entrevista Psicológica. In J. Bleger, *Temas de Psicologia* (pp. 1-48). Martins Fontes. (Obra original publicada em 1963).

Bleger, J. (2007). *Psicologia da conduta*. Paidós. (Obra original publicada em 1963).

Dejours C. (1993). *Travail, usure mentale. De la psychopathologie à la psychodynamique du travail*. Bayard.

Federici, S. (2019). *O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*. Editora Elefante.

Frederico, C. (1969). *Vanguarda operária*. Símbolo.

Freud, S. (1955). Delusion and dream in Jensen's Gradiva. In S. Freud, *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, vol. IX (pp. 111-213). The Hogarth Press and the Institute of Psychoanalysis. (Original publicado em 1907).

Freud, S. (1955). Two encyclopaedia articles. In S. Freud, *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud* (pp. 235-259). The Hogarth Press and the Institute of Psychoanalysis. (Original publicado em 1922).

Freud, S. (2010). Os instintos e seus destinos. In S. Freud, *Introdução ao narcisismo, ensaios da metapsicologia e outros textos (1914-1916)* (pp. 51-81, Obras Completas, 12). Companhia das Letras.

Gottlieb, A., & DeLoache, J. S. (2016). *A world of babies: Imagined childcare guides for eight societies*. Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9781316480625>

Greenberg, J. & Mitchell S. A. (1983). *Object relations in psychoanalytic theory*. Harvard University Press. <https://doi.org/10.2307/j.ctvj2xv6>

Guggenheim, E. S., Guimarães, L. G. P., & Pinheiro, A. M. (2019). A escuta psicanalítica no núcleo perinatal: o processo de ser mãe como uma construção. *Revista da SBPH*, 22(SPE), 174-185.

Herrmann, F. (1979). *O Método Psicanalítico*. EPU.

Hinshelwood, R. D. (1989). *A dictionary of Kleinian thought*. Free Association Books.

Katz, M., Cassorla, R., & Civitarese, G. (2016). *Advances in Contemporary Psychoanalytic Field Theory*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315715971>

Kleinman, A., Das, V., Lock, M., & Lock, M. M. (1997). *Social suffering*. University of California Press.

Lévinas, E. (2004). *Entre nós: ensaios sobre a alteridade*. Vozes. (Original publicado em 1991).

Madalozzo, R., & Blofield, M. (2017). Como famílias de baixa renda em São Paulo conciliam trabalho e família? *Estudos Feministas*, 25(1), 215-240. <https://doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n1p215>

Manna, R. E., Leite, J. C. A., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2018). Imaginário coletivo de idosos participantes da Rede de Proteção e Defesa da Pessoa Idosa. *Saúde e Sociedade*, 27(4), 987-996. <https://dx.doi.org/10.1590/s0104-129020181808888>

Medeiros, M., & Pinheiro, L. S. (2018). Desigualdades de gênero em tempo de trabalho pago e não pago no Brasil, 2013. *Sociedade e Estado*, 33(1), 159-185. <https://doi.org/10.1590/s0102-699220183301007>

Parker, I (2005). *Qualitative Psychology: Introducing Radical Research*. McGraw-Hill.

Plastino, C. (2012). A emergência espontânea do sentimento ético como tendência da natureza humana. *Winnicott e-prints*, 7(1), 80-113.

Plastino, C. A. (2018). Fantasia, criatividade e realidade no pensamento de Winnicott. *TRÁGICA: Estudos de Filosofia da Imanência*, 11(1), 11-36.

Pussetti, C., & Brazzabeni, M. (2011). Sofrimento social: idiomas da exclusão e políticas do assistencialismo. *Etnográfica*. *Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia*, 15(3), 467-478. <https://doi.org/10.4000/etnografica.1036>

Ribeiro, L. J. (2018). *A experiência parental de casais homoafetivos: uma abordagem psicanalítica* [Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de Campinas]. <http://tede.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br:8080/jspui/handle/tede/1178>

Rosa, D. C. J. (2018). *Imaginário coletivo de enfermeiros em relação ao paciente com diagnóstico de esquizofrenia na Atenção Primária à Saúde* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Uberlândia]. <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/24911>

Rosa, D. C. J., Lima, D. M. D., Peres, R. S., & Santos, M. A. D. (2019). The concept of collective imaginary in its psychoanalytic sense: an integrative review. *Psicologia Clínica*, 31(3), 577-595. <http://dx.doi.org/10.33208/PC1980-5438v0031n03A09>

Salomonsson, M., W. & Barimani, M. (2017). Mothers' experiences of motherinfant psychoanalytic treatment — a qualitative study. *Infant mental health journal*, 38(4), 486-498. <https://doi.org/10.1002/imhj.21649>

Schulte, A. A., Gallo-Belluzzo, S. R., & Vaisberg, T. M. J. A. (2019). A experiência emocional de autoras de mommy blogs. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 10, 107-130.

Tachibana, M. (2011). *Fim do mundo: o imaginário coletivo da equipe de enfermagem sobre a gestação interrompida* [Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de Campinas]. <http://tede.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br:8080/jspui/handle/tede/436>

Visintin, C. D. N. (2016). *Maternidade e sofrimento social estudo de mommy blogs* [Dissertação de mestrado, PUC-Campinas]. <http://tede.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br:8080/jspui/handle/tede/895>

Visintin, C. D. N., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2017). Maternidade e sofrimento social em mommy blogs brasileiros. *Revista e Psicologia: Teoria e Prática (Online)*, 19(2), 98-107.

Werlang, R., & Mendes, J. M. R. (2013). Sofrimento social. *Serviço Social & Sociedade*, (116), 743-768. <https://doi.org/10.1590/S0101-66282013000400009>.

Winnicott, D. W. (2014). Primary maternal preoccupation. In D. W. Winnicott, *Through pediatrics to psycho-analysis: Collected papers* (pp. 300-306). Routledge. (Original publicado em 1956).

Winnicott, D. W. (2014). *Through pediatrics to psycho-analysis: Collected papers*. Routledge. (Original publicado em 1958).

Winnicott, D. W. (2018). Ego Integration in Child Development. In D. W. Winnicott, *The maturational processes and the facilitating environment: Studies in the theory of emotional development* (pp. 56-64). Routledge. (Original publicado em 1962).

Winnicott, D. W. (2012). *The family and individual development*. Routledge. (Original publicado em 1965).

Winnicott, D.W. (1989). The Squiggle game. In D. W. Winnicott, C. E. Winnicott, R. E. Shepard, & M. E. Davis, *Psycho-analytic explorations*. (pp. 299-318) Harvard University Press. (Original publicado em 1968).

Marina Miranda Fabris-Zavaglia

Mestre e doutoranda em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), em Campinas, SP, Brasil.

Carlos Del Negro Visintin

Doutor e mestre em psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), em Campinas, SP, Brasil.

Tânia Maria José Aiello-Vaisberg

Livre docente em Psicopatologia, doutora e mestre pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), em São Paulo, SP, Brasil. Professora Sênior do Departamento de Psicologia Clínica da USP.

Endereços para correspondência

Marina Miranda Fabris-Zavaglia

Av. João Ometto, 470

Complemento: Via Verona, 50

Panambi, 13450-510

Santa Bárbara D'Oeste, SP, Brasil

Carlos Del Negro Visintin

Av. dos Expedicionários, 228

13140-062

Paulínia, SP, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.